



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III - GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE GEOGRAFIA**

Maria Aparecida da Silva

**GEOGRAFIA CEMITERIAL: O CEMITÉRIO SÃO JOÃO BATISTA DE
GUARABIRA-PB COMO ESPAÇO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS**

**Guarabira
2016**

MARIA APARECIDA DA SILVA

LINHA DE PESQUISA: GEOGRAFIA CULTURAL

**GEOGRAFIA CEMITERIAL: O CEMITÉRIO SÃO JOÃO BATISTA DE
GUARABIRA-PB COMO ESPAÇO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS**

Artigo para Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III – Guarabira, em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção do Grau de Licenciatura Plena em Geografia.

.
Orientadora: Prof^ª Ms Wilma Guedes de Lucena

**Guarabira
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586g Silva, Maria Aparecida da
Geografia cemiterial [manuscrito] : O cemitério São João
Batista de Guarabira-PB como espaço de representações sociais /
Maria Aparecida da Silva. - 2016.
24 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.
"Orientação: Wilma Guedes de Lucena, Departamento de
Geografia".

1. Cemitério. 2. Espaço Público. 3. Representações Sociais.
I. Título.

21. ed. CDD 910

MARIA APARECIDA DA SILVA

**GEOGRAFIA CEMITERIAL: O CEMITÉRIO SÃO JOÃO BATISTA DE
GUARABIRA-PB COMO ESPAÇO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS**

Artigo para Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso de
Licenciatura Plena em Geografia da
Universidade Estadual da Paraíba – Campus
III – Guarabira, em cumprimento aos
requisitos necessários para obtenção do Grau
de Licenciatura Plena em Geografia.

Orientadora: Prof^a Ms. Wilma Guedes de
Lucena

Aprovada em: 27/10/2016.

BANCA EXAMINADORA

Wilma Guedes de Lucena

Prof^a Ms. Wilma Guedes de Lucena
(Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Luiz Arthur Pereira Saraiva

Prof. Dr. Luiz Arthur Pereira Saraiva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Nirvana B. A. Raphael de Sá

Prof^a Dr^a Nirvana Lígia Albino Rafael de Sá

A minha família, por acreditar em mim e me erguer
nos momentos precisos,
DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Aos meus professores e professoras de curso, os quais pude absorver e compartilhar aprendizado para a vida toda.

À professora Wilma Guedes de Lucena por aceitar ser minha orientadora, pela disposição e pela dedicação.

A minha família pelo apoio, compreensão e dedicação de sempre.

Aos meus colegas de curso, com os quais pudemos vivenciar experiências incríveis nesse logo trajeto de curso.

Aos funcionários da UEPB, pela presteza quando nos foi necessário. Sempre dedicados em oferecerem o melhor atendimento, tendo agilidade e compromisso com o bom funcionamento da instituição.

“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”.

Paulo Freire

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	08
2	O CEMITÉRIO E SUA HISTÓRIA.....	09
3	APORTES TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	11
4	O SÃO JOÃO BATISTA COMO ESPAÇO DE REPRESENTAÇÕES	13
4.1	Representações Sociais	14
4.2	Representações Religiosas.....	16
4.3	Representações Econômicas	17
4.4	Representações Artísticas.....	18
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
	REFERÊNCIAS	21

GEOGRAFIA CEMITERIAL: O CEMITÉRIO SÃO JOÃO BATISTA DE GUARABIRA-PB COMO ESPAÇO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Maria Aparecida da Silva¹

RESUMO

Desde a década de 1980 até a nossa atualidade, muitos trabalhos foram produzidos tendo como tema a morte e os cemitérios. Basta uma simples busca na internet pelo tema “cemitério” para observarmos que gradativamente este tema tem ganhado a atenção de pesquisadores no Brasil e no mundo. No entanto, ainda constitui pouca produção, tendo em vista a amplitude de vieses que o tema proporciona. Com isso em mente, este artigo visa discutir acerca das práticas sociais e culturais desenvolvidas no cemitério São João Batista, a fim de explicitar a capacidade desse espaço para comportar diversas formas de representações, que estão ligadas à preservação da identidade e da cultura do povo guarabirense. Nesse intuito, faremos uso do conceito de *espaço de representação*, cunhado pela Geografia Cultural, para caracterizar o cemitério como um espaço onde as representações simbólicas são materializadas.

Palavras-Chave: Cemitério. Espaço. Representações sociais.

CEMETERIAL GEOGRAPHY: THE SÃO JOÃO BATISTA CEMETERY OF GUARABIRA-PB AS A SPACE OF SOCIAL REPRESENTATIONS

ABSTRACT

From the 1980s to our present time, many works were produced treating about death and cemeteries. We need just a simple internet search for the subject "cemetery" to observe that, gradually, this topic has gained the attention of researchers in Brazil and worldwide. However, this production is still low in view of the large number of trends this theme provides. With that in mind, this paper discusses about the social and cultural practices developed in São João Batista cemetery to explain the capacity of this space to hold various forms of representations, which are linked to the preservation of identity and culture of the people who live in Guarabira. To this end, we use the concept of representation of space, coined by the Cultural Geography, to characterize the cemetery as a place where symbolic representations are materialized.

Keywords: Cemetery. Space. Representations.

¹ Aluna de Graduação em Geografia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
Email: aparecidagba23@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Os cemitérios, ao longo de sua história, foram representados de várias formas por vários grupos sociais ao redor do mundo. No entanto, as mudanças vêm acontecendo lentamente, sendo possível observarmos permanências existentes atualmente que foram surgidas ainda na idade antiga, como por exemplo, a construção de túmulos, a fixação de objetos religiosos e a própria disposição dos túmulos imitando a cidade dos vivos. O que observamos é que as mudanças sempre seguiram as concepções de morte dos grupos humanos ao longo dos tempos, o que faz com que só possamos compreender bem as representações sociais no cemitério se tivermos em mente como as pessoas entendem e lidam com a finitude humana.

No intuito de desvendar as concepções sociais entorno da morte, e como elas se materializam no cemitério, os pesquisadores das ciências humanas e sociais vêm desenvolvendo estudos a cerca da temática mais frequentemente a partir da década de 1980. Desta década até a nossa atualidade, muitos trabalhos foram produzidos tendo como tema a morte e os cemitérios. Basta uma simples busca na internet pelo tema “cemitério” para observarmos que gradativamente este tema tem ganhado a atenção de pesquisadores no Brasil e no mundo. No entanto, ainda constitui pouca produção, tendo em vista a amplitude de vieses que o tema proporciona.

O interesse para o estudo do cemitério São João Batista de Guarabira² surgiu das visitas realizadas ao local nos dias de finados de anos atrás. Sempre que entrava no cemitério me surpreendia com aquelas estátuas de Adão e Eva que recepcionava os frequentadores. Aquelas esculturas me fascinavam, pois as considerava carregadas de significados que diziam muito sobre as crenças religiosas dos guarabirenses. Aquelas imagens tornavam aquele espaço peculiar.

Por outro lado, algo que me chamou bastante atenção foi a proximidade com que as residências estavam do cemitério, tendo seus quintais colados ao muro cemiterial. Essa foi a primeira inclinação epistemológica para a temática do cemitério nas questões urbanísticas da cidade. Mas não era só isso, aquele local – o São João Batista – embora representado como “morada dos mortos” estava vivíssimo em práticas socioculturais, em representações variadas que demonstram como a cidade interpreta e se relaciona com a morte.

² Município paraibano localizado à 90 km da capital do Estado, João Pessoa. Situado na Mesorregião do Agreste Paraibano, o município é um importante centro político e econômico na região. A cidade de Guarabira se destaca ainda por sua tradicional festa, a Festa da Luz – festa profana realizada anualmente em homenagem à padroeira da cidade, Nossa Senhora da Luz.

Com isso em mente, este artigo visa discutir acerca das práticas sociais desenvolvidas no cemitério São João Batista, a fim de explicitar a capacidade desse espaço para comportar diversas formas de representações, que estão ligadas à preservação da identidade e da cultura do povo guarabirense. Nesse intuito, faremos uso do conceito de espaço de representação, cunhado pela Geografia Cultural, para caracterizar o cemitério como um espaço onde as representações simbólicas são materializadas. Nesse sentido, nos reportamos a autores como Gil Filho (2005), Claval (2007), dentre outros.

No mais, este trabalho está dividido em três tópicos, quais sejam: *o cemitério e sua história*, onde trazemos de forma sucinta a presença do cemitério na história, e como ele se caracterizou em determinados momentos históricos; *Aportes teórico-metodológicos*, onde expressamos a corrente geográfica a que este trabalho se insere e os conceitos que dialogamos; *O São João Batista como espaço de representações sociais*, onde traremos um pouco das práticas sociais presentes no cemitério pesquisado.

2 O CEMITÉRIO E SUA HISTÓRIA

No período da Idade Média podemos observar que a Igreja Católica já possuía um domínio centralizado em meio à sociedade, pois era o órgão organizador das práticas de sepultamento. Neste sentido, Silva citado por Nascimento (2009, p.22) explica que os cadáveres humanos eram enterrados, de acordo com a posição social, no interior das igrejas ou suas imediações, abadias, mosteiros, conventos em cemitérios contíguos geridos pelos sacerdotes. A plebe enterrava seus mortos no campo e os mortos em guerra eram triturados e misturados para produção de adubo.

Segundo Rezende (2007, p.12), o termo cemitério vem do grego, *koumetèrion*, e significa com algum tipo de local apropriado para o descanso ou sono. A igreja Católica apropriou-se do termo e frequentemente se equiparou como “morada dos mortos”. Talvez ainda com esse motivo que se chama o lugar onde o Cristo passou antes de subir ao céu de “mansão dos mortos”.

Os cemitérios tradicionais surgiram na Idade Média pela igreja Católica, a instituição que se incumbia de administrar o espaço dos mortos. Isso porque era a mais importante instituição de controle social do período, a qual regia sobre a vida e o seu além. No entanto, a preocupação com o lugar dos mortos é algo bastante antigo, estando presente desde tempos pré-históricos. De acordo com Mumford (1998), os mortos foram os primeiros a terem um lugar fixo, em meio às andanças dos homens do Paleolítico. Aos mortos, lhes eram dedicados

“uma caverna, uma cova assinalada por um monte de pedras, um túmulo coletivo” (MUMFORD, 1998, p.13).

Nos períodos do Paleolítico e Neolítico, as cavernas eram as opções preferidas para se depositar os corpos dos mortos dos homens pré-históricos. Os mortos eram colocados em cavernas naturais, mas dependendo da região, do clima e do grau de civilização, os humanos pré-históricos tinham que construir túmulos artificiais (CRUZ, 1882). O que cabe ressaltar é que, embora não tenhamos certezas dos motivos, desde a pré-história os vivos têm uma preocupação com o lugar dos mortos.

Ao longo da história humana, o fenômeno da morte sempre foi um mistério. Uns acreditam que com a morte tudo tem fim, nada há mais para além dela. Outros acreditam que quando morremos seremos julgados por uma entidade divina e encaminhados para outros planos (céu ou inferno). Por todas as dúvidas que circunda a morte e seu além, esse tema passou a ser central nas diversas religiões e culturas, as quais estabeleceram crenças a seu respeito. Isso nos dá conta de que a concepção de morte das sociedades é quem vai guiar as formas de lidar com o corpo morto. Os egípcios, por exemplo, acreditavam numa vida após a morte.

No Egito, os faraós eram mumificados e colocados em grandes pirâmides juntamente com suas riquezas. Além disso, alimentos eram colocados à disposição, na espera do corpo voltar à vida. Araújo (2008, p.30) nos informa que os egípcios acreditavam que quando se morria os mortos tinham as mesmas necessidades que tinham em vida, o que explica o fato de colocarem alimentos e objetos pessoais junto ao corpo mumificado.

De acordo com Petruski (2006), foi na antiguidade que surgiram as primeiras edificações cemitérias cristãs, as catacumbas. Elas eram feitas nas paredes das galerias subterrâneas em forma de tumbas para os sepultamentos dos mortos, mais também foram ponto de encontro dos cristãos perseguidos naquela época.

Os cemitérios tradicionais tais como conhecemos hoje, surgiram somente durante a Idade Média e teve a igreja Católica como tutora. Por ser uma das maiores instituições do período, a igreja concentrava o poder de controlar as práticas sociais envolvendo a vida e a morte das pessoas. Não tardou para os defuntos lotarem as dependências da igreja, seja em seu pátio ou dentro de suas dependências. Nesse tempo, o medo do Juízo Final fez com que as pessoas buscassem enterrar seus entes nos locais considerados sagrados (FARGEETT-VISSEÈRE, 2009). Dessa proximidade com a igreja é que o cemitério vai ganhar status de local sagrado, o que será comum chama-lo de “campo santo”.

Mas, os cemitérios europeus do medievo não eram apenas “morada” dos mortos. Conforme nos revela Rosa (2003, p.17), os cemitérios medievais, além de serem local de sepultamento, serviam “como pasto para o gado, local de feiras, jogos atalhos para outras áreas e depósito de lixo”. Além disso, os cemitérios também eram espaços de cidadania, de acordo com Fargeett-Visseère (2009, p.49), “pois lá sempre estavam juízes a comunicar sentenças, e o equivalente aos prefeitos de hoje a dar publicidade a suas ações”.

Como as mudanças no espaço cemiterial ocorrem lentamente, pouca coisa mudou da Idade Média até o século XVIII, quando esse espaço foi tomado por uma abrupta mudança. Se antes o convívio entre os vivos e os mortos não era tão perturbadora, com o avanço na medicina vai cortar este vínculo e afastar os mortos para distantes dos vivos. Os médicos do final do século XVIII e início do século XIX vão afirmar em seus estudos que os mortos são capazes de transmitir doenças aos vivos. Com isso, os cemitérios foram tomados pela norma de serem construídos distantes das cidades (ARIÈS, 2003). Aqui no Brasil, essa medida só vai começar a ser cumprida em meados do século XIX, quando os poderes públicos enxergaram como coisa incivilizada possuir cemitérios dentro das cidades. Nisso, “uma organização civilizada do espaço urbano requeria que a morte fosse higienizada, sobretudo, que os mortos fossem expulsos de entre os vivos e segregados em cemitérios extra-muros” (REIS, 1991, p.247).

Essa norma é a seguida ainda hoje quando se constrói um novo cemitério na cidade e, ao que tudo indica, foi a diretriz seguida pelo cemitério São João Batista, na segunda metade do século XIX. Mas, como observamos, a cidade cresceu e acabou “engolindo” o cemitério, forçando o governo local construir um novo cemitério – o cemitério Bom Jesus – mais distante das áreas urbanas. Esse fenômeno também foi constatado por Faria (1999, p.57): “Hoje, em algumas cidades, a zona urbana cresceu tanto que de novo aproximou os mortos dos vivos”.

3 APORTES TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Neste tópico trataremos das questões teóricas e metodológicas do trabalho, onde estaremos elucidando conceitos e discorrendo sobre como se desenvolveu a pesquisa que resultou neste artigo.

Convém ressaltar, a princípio, que o trabalho está vinculado à corrente geográfica denominada Geografia Cultural, ligada à linha de pesquisa Geografia Humana. Esta corrente

teórica surgiu na geografia até antes da geografia crítica, o que remete ao final da Segunda Guerra mundial e início da Guerra Fria. Ela surgiu de geógrafos humanistas que se voltaram à cultura como elemento materializador das práticas humanas nos espaços geográficos. A geografia cultural, segundo Araújo e Reis Júnior (2012, p.89), “se interessa, portanto, pelas obras humanas que se inscrevem na superfície terrestre e imprimem uma expressão característica”.

A geografia passa a se interessar não só pelos espaços físicos, mas também como as pessoas representam simbolicamente estes espaços. Segundo Gil Filho (2005, p.57), esse novo jeito de fazer geografia aborda as representações sociais como “ponto de partida para uma Geografia Cultural do mundo banal, da cultura cotidiana, do universo consensual impactado pelo universo reificado da ciência e da política”.

Nesse sentido, a simples descrição do espaço geográfico não mais satisfazia os geógrafos marcados pela tradição positivista, como aponta Claval (2007). Era preciso agora se interessar pela significação do espaço. É nesse território epistemológico que surge o conceito de espaço de representação, assim como nos esclarece Stefenon (2012, p.161):

Dessa forma, esta Geografia das Representações aponta para a ideia de que as categorias espaciais como paisagem, região, lugar e território, assim como o próprio espaço, podem ser vistas enquanto representação, ou seja, como elementos do mundo simbólico partilhado, o que aponta para a possibilidade de se falar acerca de um *espaço de representação*.

Portanto, neste presente estudo, adotaremos o conceito de espaço de representação para caracterizar o cemitério São João Batista, visto ser nele onde a poluição guarabirense materializam seus imaginários sobre a morte. Sendo a representação da morte o elemento norteador das práticas sociais que se inserem no espaço cemiterial, elas modificam este espaço e as dão características próprias para ele, dentro da geografia da cidade.

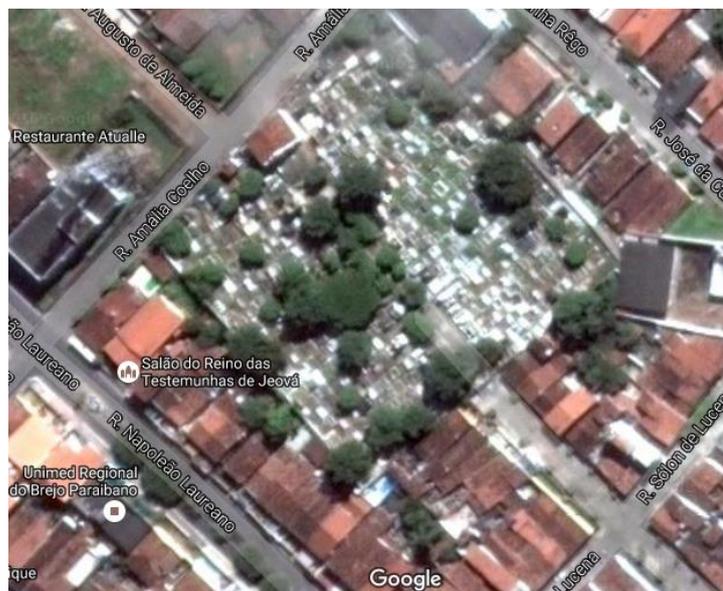
Para a composição deste artigo, valemo-nos de um estudo bibliográfico, o qual selecionamos e lemos trabalhos que abordaram o cemitério e a morte como tema. Essas leituras nos auxiliaram em nosso estudo de campo, que se constituiu em análises *in locus* das práticas sociais e culturais desenvolvidas no cemitério São João Batista. Este estudo de campo, o qual resultou nas reflexões e nas imagens que utilizamos no tópico a seguir, ocorreram em dois momentos: no primeiro momento fomos tentar levantar nos órgãos públicos – Secretaria de Infraestrutura e Centro de Documentação Cel. João Pimentel – informações que dessem conta da origem do cemitério, mas não obtivemos sucesso; o segundo momento ocorreu no dia 5 de outubro do corrente ano, iniciando-se às 15h00, e teve

duração de duas horas. Neste intervalo de tempo, percorremos todo o cemitério analisando os túmulos que poderia entrar na nossa pesquisa. Cada túmulo que nos despertasse curiosidade, e que poderia fazer parte das nossas referências, tirávamos fotografia. O próximo passo foi fazer a seleção das fotografias e realizar montagens nas que necessitassem. O resultado conferimos a seguir.

4 O SÃO JOÃO BATISTA COMO ESPAÇO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Como já foi dito antes, o cemitério São João Batista se encontra cravado no Centro da cidade de Guarabira, resultado do crescimento urbanístico, onde se pode melhor observar na imagem a seguir. Hoje, ele se encontra inativado e pouco se sabe sobre a sua origem, visto que muitos documentos se perderam ao longo do tempo, dificultando cravar uma precisão na data de sua fundação. No entanto, sabemos que se trata de um cemitério da segunda metade do século XIX, devido à presença considerável de túmulos desse período, tidos como os mais antigos do local. Só os parentes que já possui seus entes enterrados nele podem utilizar o mesmo túmulo para um novo sepultamento.

Imagem 01. Vista aérea do cemitério São João Batista de Guarabira.



Fonte: Extradida do Google Maps. Arquivo da autora. 2016.

Formato da planta do cemitério é retangular. Na outra extremidade rente a entrada se encontra a capela sepulcral, local onde são realizadas missas nos dias de finados e onde as

pessoas se recolhem para orar pelos seus entes enterrados ali. Por ser um cemitério do século XIX, o São João Batista possui diversos túmulos monumentais, alguns já em ruínas. Isso agrega mais valor histórico ao cemitério, por possuir arquiteturas antigas que ajudam a contar sobre a sociedade guarabirense de antigamente.

Neste tópico discutiremos acerca das práticas sociais desenvolvidas no cemitério São João Batista. Podemos afirmar que todas as práticas tratadas aqui possui um elo entre elas centrado na preservação da identidade, seja de uma pessoa ou do grupo. Já foi dito antes que o texto dialoga com o conceito de representação, o que nos propomos versar sobre as representações que os guarabirenses fazem da morte e de si mesmos no jogo das manutenções identitárias.

4.1 Representações sociais

Como sugerimos antes, a preservação da identidade é algo muito forte e norteador das práticas sociais desenvolvidas no cemitério. Nesse sentido, a preservação da identidade está ligada à memória, à lembrança que os entes desejam ter do falecido no espaço cemiterial. Algumas famílias, ou os próprios amigos, por exemplo, se preocupam em colocar no túmulo do falecido, os objetos que ele gostava ou algo que represente o que ele fazia enquanto estava vivo, como veremos na imagem abaixo.

Imagem 02. Camisa do time colocada no túmulo para lembrar a identidade do falecido.



Fonte: Arquivo da autora. 2016

Sendo assim, a preservação da memória está vinculada à preservação da identidade, e estas, memória e identidade, se materializam no patrimônio cultural. E então nos convém entendermos a noção de patrimônio cultural “como *lócus* privilegiado onde as memórias e as identidades adquirem materialidades” (PELEGRINI, 2007, p.87). Por serem locais materializadores de memórias e identidades, podemos dizer também que ele representa um patrimônio cultural.

Outro momento que podemos observar a tentativa de preservação da identidade do grupo social no cemitério é quando as pessoas ornamentam os túmulos colocando fotografias que representam o elo familiar, ou seja, a genealogia dos mortos depositados neles, como vemos a seguir.

Imagem 03. Representação genealógica.



Fonte: Fotomontagem. Arquivo da autora. 2016.

Em datas específicas, podemos vislumbrar práticas sociais que tentam representar não só as memórias e a identidade, mas também demonstrar sentimentos de saudades e amor. No Dia das Mães, por exemplo, pessoas que têm suas mães ali enterradas levam rosas para lhes prestarem sua homenagem e demonstrar o quanto ainda às amam. Outro momento em que as pessoas prestam homenagem é no dia do aniversário de nascimento ou de morte. Outras formas de preservação da memória e da identidade social podem ser destacadas, como veremos a seguir nos demais subtópicos.

4.2 Representações religiosas

Através dos ícones religiosos que encontramos no cemitério São João Batista podemos dizer o quanto à sociedade guarabirense demonstra sua religiosidade. Tais ícones estão presentes por toda parte, sendo poucos os túmulos que não trazem representações religiosas, a exemplo dos túmulos maçônicos, que as famílias pretenderam mantê-los no anonimato. A religião predominantemente representada é a católica, justificada pelas inúmeras estátuas de santos católicos e terços colocados nos túmulos.

Imagem 04. Estatuas de santos católicos.



Fonte: Arquivo da autora. 2016.

Logo na entrada do cemitério podemos observar as duas estátuas de Adão e Eva, representando a alegoria bíblica do pecado original e, conseqüentemente, do surgimento da morte. Conforme vemos na imagem a seguir, Adão está apontando para Eva, acusando-a não só de tê-lo feito pecar, mas colocando toda a culpa em cima dela pelo fato de a morte existir.

Imagem 05. Estatuas de Adão e Eva na Entrada do cemitério.



Fonte: Arquivo da autora. 2016.

As representações religiosas, geralmente, fazem referência a aspectos da morte. Em praticamente todos os túmulos trazem uma cruz, numa alusão à morte de Cristo. Já nos dias de finados, as pessoas acendem velas, numa crença de que a luz ajudará a iluminar o caminho do falecido rumo à “morada eterna”. Em diversos túmulos também encontramos epitáfios³ com passagem bíblicas, principalmente aquelas que falam sobre a vida eterna.

4.3 Representações econômicas

Já foi dito antes como os túmulos são capazes de materializar identidades sociais. Nesse sentido, os túmulos não só servem para demonstrar os aspectos da crença religiosa do morto nem só a sua identidade pessoal, mas também o seu *status quo*. Ou seja, qualquer pessoa que percorrer o espaço do cemitério pode perceber essa distinção socioeconômica representada pelos túmulos.

³ Placas postas sobre os túmulos onde se colocam pequenos textos escritos, seja uma homenagem, um trecho bíblico, ou apenas as informações pessoais, como nome, data de nascimento e data de morte.

Imagem 06. Túmulos com distinção socioeconômica.



Fonte: Fotomontagem. Arquivo da autora. 2016.

Castro Filho (2007, p.22) nos informou que a “cidade dos mortos” imita a “cidade dos vivos”. Isso é bem visível quando pensamos nas representações econômicas manifestadas através dos túmulos. Podemos perceber no São João Batista que na parte central estão os túmulos mais monumentais e requintados, enquanto que nas periferias se encontram túmulos mais comuns, algo semelhante como acontece na maioria das cidades. Além disso, o material construtivo dos túmulos também nos ajuda a identificar essa distinção social.

4.4 Representações artísticas

Além das esculturas de Adão e Eva presentes na entrada do cemitério, outras formas de representações artísticas se espalham pelo espaço cemiterial. A primeira que mencionamos é a arte em azulejos, de origem portuguesa. Não é atoa que eles estão lá, pois a própria origem da sociedade guarabirense é marcada pela influencia portuguesa.

Imagem 07. Representações sacras em azulejos.



Fonte: Fotomontagem. Arquivo da autora. 2016.

Não só a arte sacra portuguesa tem espaço no cemitério. Também encontramos referências à cultura greco-romana, representada pelos banquinhos em forma de coluna (imagem A). Outro túmulo se parece mais com uma mesquita islâmica (Imagem B); outro nos faz lembrar de um palácio romano (imagem C); e, um outro, remete-nos a um estilo arquitetônico mais moderno, representando algo abstrato (imagem D).

Imagem 08. Representações artísticas no cemitério São João Batista.



Fonte: Fotomontagem. Arquivo da autora. 2016.

Por não ser intuito deste trabalho, e por não termos maiores estudos sobre arte, nos deteremos apenas nessas breves descrições a que aparenta representar cada imagem. Mas aqui deixamos em aberto para que um estudo futuro possa trazer de forma mais aprofundada essa questão artística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegado o final deste artigo, colocamos alguns pontos que merecem considerações pelo fato deste trabalho abordar o cemitério. Primeiro, que este empreendimento seja uma singela contribuição à literatura cemiterial já existente atualmente; segundo, que este trabalho contribua para quebrar o tabu acerca do cemitério como lugar tenebroso ou macabro, sugerindo que o mesmo possa ser visto com outro olhar, pois constitui um espaço rico em informações sobre a cidade e seu povo.

Este trabalho pretendeu demonstrar como o cemitério São João Batista constitui um espaço de representações sociais capaz de materializar as lembranças e as identidades dos guarabirenses e chamar a atenção para esse espaço tão desvalorizado, que muitas vezes passa despercebido pelos geógrafos que se dedicam às questões urbanísticas e principalmente às questões culturais. Defendemos também que o cemitério pode ser um rico recurso didático o qual o professor de geografia pode utilizá-lo para aulas de campo.

Destacamos que pela peculiaridade do nosso objeto de estudo – o cemitério – foi um desafio para nós, pelo fato de causar espanto nas pessoas quando comentamos a respeito – varias vezes ouvimos das pessoas o seguinte questionamento: “não tinha outro tema para pesquisar?”. Mas percebemos que depois do espanto vem a curiosidade, e isso é muito importante tendo em vista que pode gerar reflexão e fazer brotar novas ideias e pesquisas futuras tendo, inclusive, este nosso estudo como fonte.

Então aproveitamos essas considerações para sugerir algumas pesquisas que possam ter como objeto de estudo o cemitério. Para além dos estudos sobre as representações sociais no cemitério tratadas neste trabalho, podemos sugerir um estudo que leve em conta a representação política, pois grande parte dos políticos que governaram a cidade no passado possuem seus túmulos no cemitério São João Batista, e os seus familiares cuidaram que este *status* perpetuasse além da morte, pelas homenagens prestadas nos túmulos.

Embora termos tratado de representações, isso não elimina a possibilidade de uma pesquisa mais aprofundada acerca dos elementos simbólicos presentes no cemitério, pois sabemos a complexidade de significados que tais elementos adquirem em determinada época, espaço e sociedade.

Pelo que foi dito até aqui podemos concluir que o cemitério constitui um espaço construído pelos vivos para os mortos. Por isso, nele, as representações sociais dizem mais sobre os que vivem do que os que já morreram. Diferentemente da concepção que povoa o imaginário social, o cemitério não é simplesmente um espaço que abriga a morte, somente, mas sim um espaço que transborda vida através das práticas sociais. O próprio empenho em tentar preservar a memória e a identidade do morto é uma prática de “não deixar morrer”, pressupõe que algo ainda vive: as lembranças, os sentimentos.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, G. C. C.; REIS JÚNIOR, D. F. C. As representações sociais no espaço geográfico. **Geo Temas**, v.2, n.1, p.87-98, Paus dos Ferros-RN, jan./jun. 2012.

ARAÚJO, Thiago Nicolau de. **Túmulos celebrativos do Rio Grande do Sul: múltiplos olhares sobre o espaço cemiterial (1889 – 1930)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente da Idade Média até aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

CASTRO FILHO, Leonel. **Cidade dos mortos ou lugar dos vivos? Estudo das características das manifestações sociais e suas implicações com a sociedade de União da Vitória a partir do Cemitério Municipal**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Curitiba: PPGGeografia/UFPR, 2007.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Trad.: Luíz Fugazzola Pimentel e Margareth de Castro A. Pimentel. 3 ed. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2007.

CRUZ, Manoel Pereira da. **Cemitérios**. Dissertação (Mestrado em Medicina). Porto: Escola Médico-cirúrgica, 1882.

FARGETTE-VISSIÈRE, Séverine. Os animados cemitérios medievais. **História Viva**. 67 ed, p. 48-52, maio, 2009.

FARIA, Sheila de Castro. **Viver e morrer no Brasil colônia**. São Paulo: Moderna, 1999.

GIL FILHO, S. F. Espaço de representação: uma categoria chave para a análise cultural em geografia. **5º Encontro Nacional da ANPEGE: Espaço de Representação: Epistemologia e Método**. 2003.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas**. Trad.: Neil R. da Silva. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

NASCIMENTO, Waldemir Gonçalves. **Investigação geofísica ambiental e forense nos cemitérios do Bengui e do Tapanã (Belem – PA)**. Dissertação (Mestrado em Geofísica). PPGG/UFPA, 2009.

PELEGRINI, Sandra C. A. O patrimônio cultural e a materialização das memórias individuais e coletivas. **CEDAP**, v.3, n.1, p.87-100, UNESP - FCLAs, 2007.

PETRUSKI, Moura Regina. A cidade dos mortos no mundo dos vivos – os cemitérios. **Revista de História Regional**, n.11, v. 2, p.93-108, inverno, 2006.

REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

REZENDE, Eduardo Coelho Morgado. **Cemitérios**. São Paulo: Editora Neclópolis, 2007.

ROSA, Edna Terezinha da. **A relações das áreas de cemitérios com o crescimento urbano**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.

STEFENON, Daniel Luiz. O conceito de espaço de representação: fundamentos para a compreensão da cultura na escola. **Ateliê Geográfico**, n.4, v. 6, p.158-174, Goiânia-GO, dez. 2012.